

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: Direitos Indígenas

Data: 1 de janeiro de 1984

Pg.: DINR 00 55

Um ano de violência para as lideranças indígenas

MEMÉLIA MOREIRA

Repórter da Sucursal do Brasil

A história recente do indigenismo brasileiro não conheceu um ano tão sangrento como esse que ontem acabou. Foram registrados 17 assassinatos e um suicídio, o de Romana Duarte, mãe de Delfino Duarte, morto a facadas no dia 23 de dezembro.

O maior registro de violências contra índios ocorreu em 1966, quando 15 cinta-largas de Rondônia foram massacrados por empregados da empresa Cavalcanti-Junqueira. Nesse intervalo, entre 1966 a 1983, foram mortos alguns líderes, mas o saldo nunca ultrapassou cinco ou seis assassinatos num ano, como em 1980, quando morreu o cacique caingangue Ângelo Kretã e os líderes Mateus e Moreira, dos guajajaras, no Maranhão.

Das 17 mortes de 1983, a que mais repercussão alcançou foi a do cacique guarani Marçal de Souza, conhecido também como Tupá-y. Morto a facadas no dia 25 de novembro, Marçal vinha se notabilizando desde a década de 60 como um ardoroso defensor das reservas indígenas dos guaranis, terenas, caiovás e cadivéus. Como se estivesse prevendo seu futuro, ele, diante do Papa, num discurso feito em Manaus, denunciou os assassinatos contra os chefes das nações indígenas brasileiras.

Lutas internas

O maior número de mortos aconteceu entre os índios cainganges, do Rio Grande do Sul, na reserva de Guarita. Uma disputa interna pela liderança provocou o enfrentamento entre dois grupos, com o saldo de seis mortos. Outra disputa interna ocorreu na Bahia, entre os pataxós hã-hã-hãe da reserva Caramuru-Paraguassu, onde o líder Higino matou o cacique Edísio, eleito pela Funai.

A última disputa pela chefia ocorreu no

dia de Natal, em Dourados (MS), entre os guaranis. Guaracy de Souza, partidário do candidato Fernando Jorge, que faz oposição à política da Funai, foi morto por Wilson Matos da Silva, irmão do "capitão" Romão, candidato da Funai à liderança dos 6 mil guaranis que vivem na região de Dourados.

Essas disputas internas pela liderança são também um fato novo entre as tribos do Brasil. De acordo com levantamento feito pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), elas começaram a ocorrer durante a gestão do coronel Nobre da Veiga, ex-presidente da Funai. Veiga mantinha como assessor especial o coronel Anael Lemos Gonçalves, cuja atividade na Funai era percorrer áreas em conflito, para pacificar os grupos.

Coincidência ou não, o fato é que após a passagem do coronel Anael pelas aldeias os grupos se dividiam. Isso aconteceu com os xavantes, quando foi contestada a liderança do cacique Aniceto, entre os cainganges do Rio Grande do Sul e entre os pataxós.

Apesar do quadro, a Funai não aceita vincular o assassinato dos índios à questão da terra, embora o problema da demarcação seja o principal fator tanto das divisões internas como das mortes de líderes cometidas por jagunços a mando de fazendeiros da região, como a do líder Marçal. E além de considerar essas mortes como "brigas pessoais e familiares", o órgão tutor não tem se preocupado também em investigar os crimes. Dos 17 assassinos, apenas três estão presos e dois deles são os índios Higino, dos pataxós, e Wilson, dos guaranis.

Os mortos do ano passado são das tribos caingangue (sete), pataxó (dois), guarani (três), xucuru-cariri, de Alagoas (dois), vassu, de Alagoas (um), caiová (um), cadivéu (um) e maxacali, de Minas Gerais, um.